

© Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© All rights reserved.

TRÊS POETAS EUROPEUS

BOCAGE

A poesia de Bocage (1765-1805) é construída com os mais fortes sentimentos da alma, vive das forças mais profundas da natureza humana. Estes sentimentos são experimentados arrebatadamente, no fogo da mais alta tensão, com uma intensidade apaixonada, com uma exaltação e um excesso que sobem aos limites da razão, a tocar a loucura.

Esta massa de sentimentos contidos na poesia é extraída pelo poeta da sua vida – daí o seu predominante tom da confissão¹ e de sinceridade.

Sinceridade e profundez da emoção e do sentimento são os caracteres mais salientes e valiosos da poesia bocageana.

À desorientação e perdição da sua vida (por esta ser fielmente transportada, em sua massa sentimental mais rica, para aquela) corresponde a desorientação da sua obra.

Mau grado as espessas contradições e incoerências, é possível, no entanto, determinar-se nesta os veios essenciais e o pensamento profundo em que ela assenta.

O amor aparece ali como o pensamento fundamental, assim como o sentimento dele foi a fundamental experiência da sua vida. A concepção do amor está na base da concepção bocageana da vida e do seu sentimento da morte.

A vida é feita de amor: «nascemos para amar». O fim do homem é procurar ser feliz pelo amor: só no amor está a felicidade. Bocage vê no amor o seu destino, superior a si mesmo e à sua vida: «Amor é o meu fado». Sente-se «escravo da despótica beleza» e dá-se conta de que lhe é inútil lutar contra essa fatalidade, impossível libertar-se pela razão impotente contra essa «ímpia lei que me domina»².

¹ Eloi do Amaral traçou a biografia de Bocage escolhendo e ordenando versos dele.

² As Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino.

A Amor quis esquivar-me e ao dom sagrado:
Mas vendo no meu génio o meu destino

O Amor e a mulher são a sua razão de existir³.

Esta ideia da fatalidade do Amor deriva da sua concepção da fatalidade da vida, e do sentimento de que o Destino lhe impõe o caminho da desventura⁴. Daí essa preocupação insistente em sondar os mistérios do Fado. A desventura é a triste pobreza da sua vida e, sobretudo, a infelicidade no Amor.

Bocage vive a vida pelo sentimento e não pelo pensamento, e é profundíssimo o seu sentimento dela.

O ideal amoroso de Bocage é simples. E tão puro e alto que, sentindo-se nele tocar a felicidade absoluta, o Poeta queria consumir-se no gozo dessa felicidade e morrer⁵. As qualidades supremas deste Amor são a inocência e a formosura. Ele não requer a posse física, o mais que pede são beijos, muitos beijos. Satisfaz-se na contemplação imaterial da mulher e na descrição idealizada das suas formas belas; aspira à comunhão espiritual com ela. A divinização da mulher e a dorida e delicada confissão das mágoas de amor faz lembrar os cantares trovadorescos e os seus lamentos. Como os troveiros, Bocage queixa-se de que o amor lhe dá a morte e chora abundantemente⁶.

Mas se o objectivo do seu anseio é atingir o amor harmonioso e puro, bem diferente e negro é o conteúdo desse anseio, e espinhoso o caminho para tal amor.

Bocage nunca chega a aproximar-se do seu ideal amoroso, cai no caminho, minado por infernais dores.

Que havia de fazer? Cedi ao fado.

³ Dia em que chore a tua variedade
Será da minha vida o derradeiro.

⁴ Na vontade de um Deus consiste o Fado
Louvem-se o mal, e o bem que o Fado ordena.

... no bojo voraz da desventura
Monstro por cujas fauces fui tragado.

– Repare-se que Bocage escreve mais das vezes Fado, Destino e Sorte com maiúscula.

⁵ A mim, para que viva satisfeito,
Me basta possuir teu doce agrado,
Ter lugar, ó Marília, no teu peito.

...belas mãos
.....
Oh quem pudera uni-las ao meu rosto
Quem pudera apertá-las ao meu peito,
Dar-lhes mil beijos, e expirar de gosto!

⁶ ...das ardentes lágrimas que chora
Não cessa, quando a Noite estende o manto,
Não cessa quando estende o manto a aurora.

De lágrimas sem fim meu rosto inundo.

O seu carácter volúvel não o deixa concentrar o seu anseio amoroso, dispersando, por mil deidades, simultaneamente, as suas forças afectivas. Ao contrário de Camões, que em Natércia unifica toda a sua ansiedade de amar, Bocage reparte e desloca constantemente o fogo do seu coração vário⁷. Desta falta de concentração começa a nascer a sua tortura. Mas é o combate entre o Amor e a Razão que lhe não deixa gozar, nem dar-se à sua loucura; é o fundo constitucional da sua alma cheia de incertezas, impulsos contrários e dúvidas, que faz o seu «inferno de amar».

A teoria do amor é essencialmente constituída pelo anseio de superar as contradições que entram nesse sentimento, agravadas pela particular natureza do Poeta. O ideal puro do amor é um céu que raras vezes atinge o seu espírito enleado pelas dúvidas, a debater-se e enterrar-se na vaza negra do ciúme e da paixão. Proust mostrou bem que a dúvida é o motor, o lume que alimenta o fogo da paixão amorosa. Esta ideia é particularmente verdadeira em Bocage. Nele o amor é sempre atizado pela dúvida, é um combate entre o desejo da felicidade pela posse absoluta da mulher e a tortura do ciúme.

São menos, e talvez até descritos com menos intensidade, os momentos de prazer do que os de tortura. Nestes, o Poeta maldiz o amor, e a sua Musa cai num pessimismo amargo⁸.

A oposição amor-ciúme é tão enraizada na sua alma que ele a vinca com um traço fundo no soneto auto-retrato⁹. O seu amor alimenta-se e ateia-se com o ciúme, do qual nunca consegue separá-lo, porque nele o ciúme nasce do excesso da paixão, da insatisfação de si mesmo, da ânsia de comunhão total no amor absoluto, da sede de atingir o amor perfeito inatingível¹⁰.

⁷ Incapaz de assistir num só terreno,
(...)
Devoto incensador de mil deidades
(Digo de moças mil) num só momento,
(...)

⁸ Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei que o Fado aprovou para que a terra
A si mesma se estrague e se destrua.

⁹ Bebendo em níveas mãos por taça escura
De zelos infernais letal veneno.

¹⁰ E pelo ardente excesso com que adoro
Ao clarão de medonhas conjecturas
Vejo o fantasma da visão que ignoro.

Mas com frequente, ríspido queixume
Os mimosos ouvidos te molesto;
Dias de ouro e de amor (ah!) toldo, empesto,
Co'as trevas mais que horríveis do ciúme.

Mas o Poeta não se aniquila neste infernal desespero. Pede à razão que o ilumine, reprime a «ideia horrenda», o «ardente frenesi», e então atinge a superação da luta interior – pelo desejo da Morte. O Poeta liberta-se da luta negra, desata-se dilaceradamente dos laços que o prendem à mulher amada, e eleva-se à serenidade e à renúncia, formando a aspiração de que ela seja feliz com outro a quem ama¹¹.

A morte é assim a evasão ao sofrimento, a fuga à dor pelo aniquilamento total¹². E não só ao sofrimento do amor, mas a todas as dores da vida:

«a vida para os tristes é desgraça
A morte para os tristes é ventura.»

A morte é o último bem que se oferece ao Poeta, o refúgio derradeiro à sua infelicidade, ao seu desgosto do mundo¹³.

Esta ideia da morte é de tal modo o sentimento dum arrimo, de uma porta de descarga das forças do desespero, que parece até encontrar-se certo sentimento de alívio

Ah! se nos corações fosses eterno,
Tormento abrasador, negro ciúme,
Serias tão cruel como os do inferno.

– A intensidade e insistência do ciúme parecem-me revelar em Bocage, além de outros traços da sua configuração psicológica, um complexo de inferioridade. O Poeta havia de ter sofrido muito da inferioridade da sua condição de vate pelintra perante a honrada situação social das suas amadas e pretendidas. Nem elas, nem seus pais, poderiam tê-lo considerado um *partido* aceitável, e haviam forçosamente de preteri-lo por qualquer bom burguês, com menos poesia e inteligência, mas com mais dinheiro, sossego e bom senso. O seu orgulho imenso e bem vezes desmedido poderá filiar-se, a meu ver, também, no mesmo complexo de inferioridade.

– Leia-se a descrição do ciúme no soneto que começa: «Há um medonho abismo onde baqueia». Contrasta com esta inconciliação dos elementos do amor, a natureza confiante da amizade, como documenta a dedicação profunda e generosa a sua irmã, a dedicatória do segundo volume das *Rimas*, e como exprimem muitos passos da obra.

«Julgo a doce amizade um bem divino.»

11 ... com seguros laços
Ao melhor dos mortais amor te prenda,
Vive sempre ditosa entre os seus braços
Vive em serena paz, e adeus, querida,
Que para a morte já dirijo os passos.

12 Na paixão que me devora
Invoco a muda paz da sepultura
Da suspirada morte a feliz hora.

13 Inda tenho este abrigo, ainda me resta,
O pranto, a queixa, a solidão, a morte.

Um bem que implora, – a morte que não teme.

do ciúme na morte das suas amadas, na resignação e felicidade triste que experimenta ao respirar as flores que nascem das suas campas.

Mas é nos momentos de maior dor espiritual que o sentimento da morte toma em Bocage uma divina altura. Então a morte é o prolongamento e a sublimação da vida, que se continua para além.

É na morte que o amor vai viver a sua última ambição de felicidade, realizar a comunhão absoluta. Esperando este instante supremo, o Poeta vai, no pensamento, visitar a sua amada para lá da morte, onde ela foi viver, e de lá traz a sua lembrança. Vale a pena notar que os sonetos à morte das suas amadas são dos mais belos que Bocage escreveu. Para lá da morte começa a vida plena e eterna, começa «outro sol de luz mais pura»¹⁴.

A plenitude do sentimento da morte chega o Poeta a dá-la numa elevada apologia¹⁵.

A ideia da morte é tomada em larga conta na sua concepção da vida e do amor. A sua consciência do valor e da responsabilidade terrível que é o viver, provém do

¹⁴ Falsos bens desta vida que não dura
Trocaste pelos bens da eterna Vida.

Neste dia em que o véu mortal despiste
Dias eternos me confere a sorte.

¹⁵ Dos céus, oh Morte, és dádiva eminente,
És precioso bálsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.
Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dor aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino:
Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso alívio tão penoso estado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?
É sim. Pela aflição desacordado
Ia afrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!
Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perenal contentamento;
Estrada que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino imortal, ditoso e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia.
Chave e porta do incógnito futuro,
Doce amiga fiel, que nos franqueias
Dos céus lustrosos o invisível muro:
Já voou meu terror, já não me anseias,
Em risonhas ideias se trocaram
Carrancudas visões, imagens feias,
Razão, verdade a mente me aclararam,
E de teus mil fantásticos horrores
A medonha aparência em mim douraram.

sentimento de existir num mundo a paredes-meias com o da morte. E o Poeta não quer esquecer isto¹⁶.

O sentimento da contradição trágica entre o amor e a morte é quase sublimemente expresso nas cantatas à Morte de Inês de Castro e à Morte de Leandro e Hero. Aí, como nas elegias, corre o sentimento profundo dos mistérios do Destino.

Assim como o seu conceito da vida vulgarmente se perde, e se atulha do contingente e acidental, poucas vezes sabendo elevar-se ao eterno, também, frequentemente, levada pelo desalento, a sua filosofia da morte descai em morbidez pessimista e triste obsessão¹⁷.

Mas estas quedas e outras manchas não diminuem o vigor da sua preocupação fundamental do Destino do homem e da sinceridade com que vive e canta os sentimentos profundos da alma. Essa preocupação atinge o cume da angústia no soneto que ditou às portas da morte. Só o acto de, nos seus últimos instantes, querer ainda exprimir as suas crenças e a sinceridade dum correcção ao pensamento por ele muita vez apregoado, mostra, seja qual for o lado por que se considere, a sua consciência da gravidade da vida e da seriedade da sua missão de poeta.

A lição maior que tira da vida é a de desejar ter aprendido a morrer, de saber aceitar a morte no momento em que ela esteja amadurecida na sua alma, prolongando a vivência da vida pela vivência da morte: «saiba morrer o que viver não soube».

Para lá da morte, o espírito inicia-se numa vida radiosa, no seio do Eterno. Concepção tão larga da Morte requer em Bocage a ideia de Eternidade. A alma pura eleva-se do «barro servil» a comungar em Deus. A sua devoção religiosa vai até erguer hinos à virgem, nos quais exprime a sua crença na mitologia católica, e até à condenação dos seus cantos profanos. Mas o conceito puro de Deus mantém-se permanentemente no espírito do Poeta, conquanto as formas tradicionais da sua crença tivessem sido destruídas pelos ventos racionalistas que sopravam da França. E se mais

¹⁶ Esquecem-me (ai de mim!) por teus agrados
«Morte, Juízo, Inferno e Paraíso».

¹⁷ É o mundo um cárcere em que a morte
Os míseros viventes guarda, encerra,
Para neles cumprir-se a lei da Sorte.

Suspiro pela paz da sepultura

Consola-me este horror, esta tristeza,
Porque a meus olhos se afigura a morte
No silêncio total da natureza.

tarde repudia a nova fé, condenando os seus versos iconoclastas, não mais restabelece inteiramente em si as formas religiosas antigas, entregando-se, porém, com mais amplo pensamento, à ideia pura de Deus¹⁸.

O pensamento de Bocage sobre a vida e a morte é impregnado dum conceito forte de Liberdade. Não será exagerado procurar mesmo no sentimento de Liberdade, quando desvirtuado pelo exagero, parte da razão das suas mutações e contradições inquietas. O próprio conteúdo do conceito sofre oscilações incoerentes, mas a sua pura essência mostra-se sempre firme e viva, aferrada no seu espírito. É com o mais fervente entusiasmo que invoca a liberdade «querida e suspirada, mãe do génio e prazer», a vir redimir Portugal do despotismo.

«Vem, oh deusa imortal, vem, maravilha,
Vem, oh consolação da humanidade.»

Anseia e combate pela liberdade do espírito, pela libertação do dogma, das sombras da superstição religiosa.

A condenação dos horrores da Revolução Francesa e da decapitação de Maria Antonieta, não inflecte o fundo substancial, a ideia pura de liberdade, pois tal condenação é feita, declaradamente, em função do seu conceito de liberdade¹⁹.

Este pensamento me parece o essencial em que se esteia a poesia bocageana. As contradições, hesitações, incoerências, as ideias confusas e inconciliáveis, o fogo e a exaltação da sua voz, parecem, por vezes, não se harmonizar com ele: aparentemente apenas, porque no fundo isso ainda mostra a luta entre as forças contraditórias da sua alma, luta que está na base do processo de formação daquele pensamento.

Este é, a meu ver, o pensamento estável e sólido da sua obra, que o Poeta sempre afirmou, e que dá a esta o espírito próprio e a séria unidade de conjunto. Tudo o mais são crenças oscilantes, com maior ou menor duração e força, erupções dos combates

¹⁸ Um nume só terrível ao tirano
Não à triste, mortal fragilidade.

O Deus que consola a humanidade

O Deus da razão; o Deus de Elmano.

¹⁹ Bingre disse que Bocage era «verdadeiramente liberal, figadal inimigo da escravidão».

não amadurecidos do seu espírito e da volubilidade e ardor irregular do seu temperamento. Se além a influência do ambiente foi danosa, aqui foi destruidora, pela acção corrosiva que exerceu sobre certas particularidades do seu carácter. Bocage é na verdade o nosso mais doloroso exemplo de como o ambiente pode asfixiar o génio, quando este não sabe sobrepor-se-lhe ou evadir-se-lhe.

Ao de cima daquele substrato de profundo e sério pensamento afloram as agitações volúveis do seu carácter, os arrebatos desencontrados do seu temperamento, os reflexos da mediocridade intelectual do meio e do choque das ondas de aspirações revolucionárias que, descendo da França, vinham quebrar sobre a nossa cultura tradicional, adormecida à sombra do classicismo e dos esbirros de Pina Manique.

Aqui a vitalidade intelectual do Poeta oscila e dispersa-se entre as ideias do racionalismo revolucionário; os gritos libertários da *Pavorosa Ilusão da Eternidade*; a religiosidade, que também sinceramente lhe brota da alma, das poesias a Deus, a Cristo e à Virgem; o chafurdo duma vida baixa que se dissipa em misérias do corpo e da alma, em sátiras azedas e brutais, improvisos fúteis ou grosseiros, obscenidades galantes ou sujas – vaza movediça de que se evolvam, puros, os mais elevados anseios de liberdade e de amor, arrancados a uma sinceridade tão profunda, que se casa tão harmoniosamente à beleza da forma, que é já um luminoso anúncio do mais puro sentimento romântico.

Esta inconstância de nível poético e humano, esta descoordenação de pensamento, esta desordenação do espírito, em que há tanta altura e tanta baixa, mostram bem a dolorosa luta do génio pela evasão e superação do ambiente, luta em que Bocage caiu, de que saiu grande escritor, mas poeta incompleto, génio falhado.

Pode crer-se que o génio de Bocage foi abafado e arruinado por circunstâncias de duas ordens: as existentes no tempo em que viveu; e as constitutivas do fundo pior do temperamento português. Do seu século são: o uso de frias formas do classicismo, o emprego de certa adjectivação consagrada, a pompa retórica de certos versos encostados ao gongorismo, a improvisação e a sátira sobre acontecimentos de ocasião, reflexos do mau gosto do tempo e do ambiente sórdido em que vive²⁰. Do fundo português do seu carácter: a falta de concentração do pensamento e de meditação da sua obra; o espírito desordenado, que não lhe deixou produzir uma obra com unidade; o carácter incontrolado, instintivo, inadaptável, leviano, orgulhoso, indolente; o temperamento

²⁰ Do mau gosto do tempo vêm-lhe frequentes expressões frias de classicismo, as alusões mitológicas, as referências a Vénus, Júpiter, Cupido, Mavorte, Dafne, Nereu, aos Zéfiros; imagens da mitologia: «o flagrante licor que liba Jove», «luz febeia», «o tenro deus», «o cândido menino», «Averno ardente», «páfios bosques», «plácidas Camenas», «formidáveis Notos», «anguícoma Sibila».

impulsivo, extraordinariamente instável e receptivo, sensível à mínima acção ou movimento do ambiente; a tendência para procurar libertar-se das dores do espírito pela mais profunda depressão e renúncia, alternante com a mais violenta e exaltada erupção de energias, de coragem inconsiderada e louca; o cunho aventureiro do seu espírito, aliado ao pendor boémio e anárquico; essa «eterna oscilação entre os contrários», de que fala Le Gentil, que faz o seu trágico destino.

Salvaram-no aqueles elementos mais vivos e profundos da alma portuguesa: a capacidade de ser sincero, com a mesma veemência, em pólos opostos, de exaltar-se e elevar-se do mundo terrenal ao plano intemporal e místico nos sentimentos que sente e exprime – sobretudo no do amor –, a sua insatisfação e o anseio de verter a beleza em formas perfeitas.

É de lá que lhe vem a sinceridade profunda e a alta beleza formal dos seus versos, e esses clarões de génio que aqui e além iluminam a sua obra e em que atinge o sublime.

Menendez e Palayo considera-o «o poeta de mais condições nativas que produziu Portugal depois de Camões».

Para apreender a sua alma tem de se considerar também o seu estilo: expressões de frio talhe classicista a alternar com o mais palpitante realismo; frases cheias de doçura e suavidade, com os mais aflitivos gritos de angústia e as mais atrozes pragas de desespero; o ardor revolucionário irrompente com o mais humilde e transportado misticismo; as mais doces efusões de amor, com as mais furiosas e cruéis maldições do ciúme. É surpreendente sobretudo a oposição entre o frio formalismo clássico e o vivo sentido realista²¹.

Dele ninguém disse tão bem como Olavo Bilac:

«Em Portugal, a arte de fazer versos chegou ao apogeu com Bocage e depois dele decaiu. Da sua geração, e das que a precederam, foi ele o máximo cinzelador da métrica. A plástica da língua e do metro; a perícia no *ensablar* das orações e no escandir dos versos; a riqueza e graça do vocabulário; o jogo sábio e às vezes inesperado das vogais e das consoantes dentro da harmonia da frase. A variação maravilhosa da cadência, a sobriedade das figuras; a precisão e o colorido dos epítetos; todos estes difíceis e complicados segredos da arte poética, cuja beleza e raridade às vezes escapam

²¹ Veja-se, ao acaso, o realismo concreto ou a evocação enublada destas expressões: «negro ciúme»; «baça tristeza»; «mordaz tristeza»; «mares, cuja arrogância as nuvens torva»; «Nas murchas, débeis asas da saudade»; «sobre as cinzentas asas da Agonia»; «mãos melindrosas»; «mimosos ouvidos»; «Dias de ouro e de amor»; «olhos da cor dos meus cuidados»; «o rio mole e queixoso lambendo as areias».

até aos mais cultos amadores da poesia e aos mais argutos críticos literários, e que somente os iniciados podem ver, compreender e avaliar; esta consciência, este gosto, e a medida, este dom de adivinhação e de tacto, de que os artistas natos têm o privilégio – tudo isto coube a Elmano, tudo isto se entreteceu no seu talento. Depois dele, Portugal teve talvez poetas mais fortes, de surto mais alto, de mais fecunda imaginação. Mas nenhum o excedeu nem igualou no brilho da expressão.»

As traduções que empreende nos últimos anos da sua vida mostram as preferências de Bocage pela literatura clássica e pela europeia contemporânea²². As suas leituras deviam ter abrangido o melhor e mais aceso pensamento do seu tempo, especialmente os enciclopedistas.

As ideias da Revolução Francesa exercem profunda influência no seu espírito, nos seus últimos anos, e acendem, na obra, os mais ardentes entusiasmos; contribuem elas em muito para a formação da sua consciência do espírito e da civilização europeia. A sua consciência de europeu, envolvida num saudoso amor ao Ocidente, aprofunda-se e torna-se mais clara e orgulhosa de si ao sentir-se deslocado no Oriente, onde nada respondia às suas angústias e à sua fome intelectual.

«Vim do culto, benéfico Ocidente.»

Nesta consciência de europeu se insere a sua larga consciência nacional e o profundo amor ao seu país, às heranças históricas e às virtudes da alma portuguesa.

Era muito verdadeira, diz Aubrey Bell, «e principalmente muito portuguesa a sua inspiração, e alguns dos seus sonetos têm força e grandiosidade, pairando nos confins da beleza».

(*Três Poetas Europeus*, 59-78)

²² A par de Ovídio e Lucarno, traduziu, em verso, Delille (*Os Jardins*), Castel (*As Plantas*), Rosset (*A Agricultura*), sua tia-avó Mariana du Bocage (*A Colombiada, primeiro canto*) e ainda, do latim, a epístola de Lacroix e o *Canto de Tripoli*, de José Francisco Cardoso; em prosa, traduziu a *História de Gil Brás de Santilhana, Paulo e Virgínia* e outros livros. Tentou também a versão de Tasso (*Jerusalém Libertada*) e de Voltaire (*Henriada*).

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, sob qualquer forma ou por qualquer processo, sem a autorização prévia e por escrito dos herdeiros de Armando Martins Janeira, com exceção de excertos breves usados para apresentação, divulgação e/ou crítica do site e/ou da vida e obra de Armando Martins Janeira.

No material available from Armando Martins Janeira site may be copied, reproduced or communicated without the prior permission of his Family. Requests for permission for use of the material should be made to info@armandomartinsjaneira.net.